

vários autores: André Rosa Biscaia (Médico de Família), José Nunes Martins (Antropólogo), Mário Carreira (Especialista em Saúde Pública), Inês Gonçalves (Licenciada em Enfermagem e Mestre em Saúde Pública), Ana Rita Antunes (Psicóloga Clínica), Paulo Ferrinho (Médico Doutorado em Saúde Pública). Esta obra foi editada em 2006 pela Padrões Culturais e encontra-se à venda, pelo menos, nas Lojas FNAC e Livrarias Almedina. Os autores conseguem respigar o que de mais importante e actual existe em diversas bases de dados e devolver-nos um outro olhar sobre o que temos andado a fazer nestes últimos anos.

Como referido na contracapa, em excertos da Nota Introdutória e do Prefácio assinados, respectivamente, por Armando Brito de Sá e António Correia de Campos, esta obra é de indispensável leitura. Pela informação que disponibiliza e pelo método de exposição utilizado merece fazer parte da bibliografia recomendada em vários cursos, quer de pré, quer de pós-graduação, nas áreas da Medicina Geral e Familiar, Saúde Pública e Gestão de Serviços de Saúde.

Os autores dizem, na introdução, que partiram para este trabalho com a convicção de que os sistemas de saúde orientados para os Cuidados de Saúde Primários (CSP) são os que melhor contribuem para que se atinjam três objectivos instrumentais na busca de mais saúde para todos: optimização dos cuidados de saúde, equidade na distribuição de recursos e promoção da autonomia dos cidadãos. Deste modo, fazem a história sucinta do Sistema de Saúde Português das últimas décadas, descrevendo e analisando o contexto dos CSP em 5 períodos: 1968-1973, 1974-1984, 1985-1994, 1995-2001 e 2002-2005. A análise de diversas situações permite fazer compreen-

der melhor as hesitações, os recuos e os avanços do sistema.

A obra compreende diversos capítulos. A introdução, que a justifica e enquadra. O segundo capítulo, que clarifica o conceito de CSP, o contexto, o tipo de profissionais que aí trabalham e a sua importância, nomeadamente para a saúde da população, para a equidade, para a prevenção primária e secundária e para a qualidade e eficiência do sistema. No terceiro e quarto capítulos é-nos oferecida uma descrição sucinta das possíveis formas de avaliar um sistema de saúde, a história breve e recente do sistema de saúde português, a política e a realidade dos recursos humanos no peso da despesa de saúde e no investimento e a evolução demográfica e social em Portugal de 1960 a 2000. A partir daqui, temos um importante conjunto de informação proveniente de diversos estudos executados pelos autores, quer anteriormente à escrita desta obra, quer para responder às perguntas a que os mesmos ambicionaram responder no início deste seu projecto. Por isso, esta obra é inovadora; há um mapa conceptual e, depois, uma procura de informação estruturada em diversos trabalhos de pesquisa.

Os autores, logo na introdução, afirmam que esta obra não é dirigida à promoção dos Cuidados de Saúde Primários, mas sim um trabalho de análise e reflexão sobre a complexidade do Sistema de Saúde, já que o sucesso ou insucesso deste só pode ser lido à luz da interacção dos seus diversos componentes. É sobre os diversos componentes, seguindo o modelo de «info-estrutura» canadiano, desempenho do sistema, estado de saúde, determinantes não médicas e características próprias da comunidade, que este livro nos informa. Quantos somos? Qual é o número de efectivos na dependência do Minis-

## REFORMAR OU DEFORMAR OS CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS?

Biscaia AR, Martins JN, Carreira MF, Antunes AR, Ferrinho P. Cuidados de Saúde Primários em Portugal: Reformar para novos sucessos. Grande Prémio Fundação AstraZeneca 2005. Lisboa: Padrões Culturais Editores; 2006.

O grande Prémio Fundação AstraZeneca 2005 foi atribuído à obra «Cuidados de Saúde Primários em Portugal: Reformar para novos sucessos» que conta com a colaboração de

tério da Saúde? Como evoluíram estes efectivos até 2002 em geral e nos Centros de Saúde? Como é feita a sua distribuição geográfica e a sua distribuição por tipo de serviços? Existe alguma relação entre profissionais de saúde e indicadores de saúde? Como evoluiu de 1960 a 2001 a saúde materno-infantil? Para além das respostas a estas perguntas é-nos dada uma descrição do estado de saúde dos Portugueses ao longo do tempo e em comparação com outros sete países. Com especial atenção aos indicadores vulneráveis aos CSP, descreve-se o desempenho do Sistema de Saúde quanto à aceitabilidade (estudos de satisfação de diferentes proveniências) e à efectividade (importância dos recursos humanos da saúde na evolução dos indicadores de saúde em Portugal).

Uma crítica haverá, no entanto, a fazer a esta obra, nomeadamente no que diz respeito às soluções, hipoteticamente generalizáveis, apontadas para o desenvolvimento profissional, os círculos de qualidade e os programas de formação contínua através de teste de auto-avaliação. Julgo que teria sido possível, e útil, os autores referirem outro tipo de experiências, nomeadamente as que juntam profissionais de proveniências geográficas diferentes a trabalhar em contextos diversos, promovendo a troca de experiências (p.ex: os Médicos Sentinela, os Grupos Balint, o Grupo de Estudos da Família, o Grupo de Diabetes, etc...), a importância dos instrumentos trazidos pela WEB 1 e 2 e a sua aplicação, quer no ensino, quer na prática clínica.

Portugal é, no contexto europeu, o país que tem menor produção de normas de orientação clínica. O Instituto para a Qualidade em Saúde, de existência efémera, que ocupou o espaço físico dos Institutos de Clínica Geral, dirigiu as suas forças, sobre-

tudo, à acreditação hospitalar. O MoniQuor teve uma sobrevivência curta e a missão de desenvolvimento profissional contínuo e de apoio à investigação em CSP, acometida aos Institutos de Clínica Geral, foi em 1999 enterrada. Este conjunto de profissionais devolve-nos matéria-prima para repensar um percurso histórico. Pode ser que daqui decorram outras prioridades, nomeadamente uma orientação estruturada para o Desenvolvimento dos Profissionais que trabalham em CSP, assim como a vontade de se desenvolver a investigação em MGF, permitindo que os profissionais nela envolvidos construam a sua própria agenda e liderem e executem os seus projectos.

O conteúdo deste livro merece ser divulgado. Espero que sobre os autores chovam propostas para conferências que proporcionem vastas discussões sobre os caminhos traçados e a percorrer, assim como sobre a necessidade imperiosa de profissionais de instituições independentes avaliarem os resultados das políticas de saúde seguidas.

Isabel Santos

Departamento de Clínica Geral, FCM-UNL  
Centro de Saúde de Oeiras